


O RESSIGNIFICAR-SE DA MULHER-NEGRA-SURDA NO MOVIMENTO SURDO, NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI/PA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-042>

Data de submissão: 04/04/2025

Data de publicação: 04/05/2025

Renata Ferreira Siqueira

Mestra em Educação e Cultura

Universidade Federal do Pará

Cametá-Brasil

E-mail: renatasiqueira124@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6992813896161618>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9014-9831>

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Pós-doutora em Educação

Universidade Federal do Pará

Cametá-Brasil

E-mail: celpinto18@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489392738166786>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

RESUMO

O presente estudo tem o propósito de compreender a história de vida de uma mulher-negra-surda, de modo a entender, por meio de suas narrativas e dos processos formativos e saberes construídos na militância, como ela constitui sua identidade e ressignificou-se a partir dos entrelaces entre as questões étnicas, de gênero e da surdez. A investigação está ancorada em uma abordagem qualitativa, do tipo História Oral de Vida, com o uso, nos seus procedimentos, de entrevistas semiestruturadas *on-line* e oficina de desenhos (cujo foco é a elaboração de desenhos sobre o ser mulher negra e surda na militância). Os resultados evidenciam que a participação da entrevistada no movimento surdo e no espaço acadêmico possibilitou a ela se reeducar e modificar seu olhar sobre questões como sexismo, racismo, machismo e surdez.

Palavras-chave: Educação. Gênero e raça. Surdez. Identidade. Militância.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo reúne dados que fazem parte de pesquisa que originou a dissertação de mestrado intitulada “Narrativas sinalizadas de si: a trajetória militante de uma mulher negra no movimento surdo do município de Igarapé-Miri, no Pará”. Esta encaminha análises e discussões acerca da trajetória de vida de uma jovem militante, tomando como ponto de partida os processos formativos dessa mulher no que tange à sua inserção na militância, bem como o uso da língua de sinais como elemento potencializador no processo de ressignificação de sua identidade, do assumir e expressar sua identidade de mulher-negra-surda (termo pelo qual a colaboradora da pesquisa se representa), seu cabelo crespo/cacheado e o orgulho da sua raça.

Nesse sentido, este trabalho centra-se em compreender a história de vida de uma mulher-negra-surda, de modo a entender, mediante suas narrativas e processos formativos e saberes construídos na militância, como ela constitui sua identidade e ressignificou-se a partir dos entrelaces entre as questões étnicas, de gênero e da surdez.

Uma vez que a mulher-negra-surda, ao adentrar o espaço do movimento surdo, tem a possibilidade de reverter os determinantes sociais de cunho racial e machista e, aos poucos, consegue romper com as posições subalternas e inferiores impostas a ela. No processo de militância, ela contribui para a quebra das imagens negativas das mulheres negras e surdas, comumente, difundidas em uma sociedade desigual, marcada pelo racismo e pelo machismo. De maneira que, em meio ao coletivo, passam a se criar e recriar, buscando aportes que tragam significados, de modo a elevar sua autoestima e a de outras mulheres negras perante suas ações e intervenções sociais e políticas.

É no movimento surdo que a mulher-negra-surda encontra apoio e se fortalece como sujeito social e coletivo e coopera com o processo de construção de identidades positivas de outras mulheres no seu lugar de origem, uma vez que, a partir de suas ações, consegue questionar as desigualdades e as discriminações disseminadas na sociedade. Além disso, inserida no movimento surdo, essa mulher constrói novas relações sociais e novos formatos para a luta coletiva, a qual viabilize instrumentos para combater, enfrentar e superar o racismo e o machismo de maneira organizada e coletiva.

Nilma Gomes (2017) destaca a atuação das mulheres negras nesse processo, por seu papel político e educador posto que na medida que se afirmam enquanto sujeitos ativos na afirmação/fortalecimento de suas ações, passam a denunciar a violência vivenciada pelo machismo dentro do próprio Movimento Negro e demais movimentos sociais, “nas relações domésticas, nas disputas internas, quer sejam no emprego, nos movimentos, nos sindicatos e nos partidos. Elas reeducam homens e mulheres negros, brancos, de outros pertencimentos étnico-raciais, e também elas mesmas” (GOMES, 2017, p.73).

Segundo Silva (2007), organizadas em Movimentos, as mulheres negras reverteram os determinismos sociais de cunho racial e machista e, aos poucos, conseguem romper com as posições subalternas e inferiores a elas impostas. Quebram as imagens negativas acerca das mulheres negras comumente difundidas em uma sociedade desigual, marcada pelo racismo e pelo machismo. Assim, criam e se recriam, estabelecem novos rumos e elevam sua autoestima e a de outras mulheres negras por meio de suas ações e intervenções sociais e políticas (SILVA, 2007, p.197). Assim, as mulheres negras militantes se fortalecem como

[...] sujeitos sociais e coletivos e contribuíram para o processo de construção de identidades positivas de outras mulheres negras à medida que suas ações conseguiam questionar as desigualdades e as discriminações. Inseridas em Movimentos Sociais, principalmente no Movimento Negro e de Mulheres Negras, essas mulheres buscam construir novas relações sociais e novos formatos para a luta coletiva. Elas se contrapõem, portanto, à absolutização do indivíduo, que é característica dominante da sociedade capitalista [...] (SILVA, 2007, p.197).

Nesse processo de emancipação, as mulheres-negras-surdas por meio de suas ações coletivas afirmam suas identidades, com a intenção de fortalecer as ações destas na luta contra o racismo, as desigualdades de gênero, possibilitando seu empoderamento por meio de uma proposta política, que resiste as investidas do poder e que lhes possibilite uma consciência étnica. Nos moldes de Weber (1994), uma “consciência étnica”, o sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica, organizada de uma forma política, juntamente com o “sentimento de ser diferente” (aqui podendo ser entendida como identidade diferenciada), resultando em uma “comunhão” desses indivíduos que se uniriam e se organizaram socialmente/politicamente.

Nesse cenário, o coletivo de mulheres-negras-surdas surge como um movimento político antirracista, que tem como elemento constituinte a “língua de sinais”, a “cor da pele” e o “cabelo crespo/cacheado” como símbolos de luta e valorização da identidade negra, reconhecendo a essas mulheres o sentimento de pertencimento, ou seja, de se sentirem parte da comunidade negra, possibilitando dessa forma a construção e a afirmação da identidade racial, posto que o pertencimento racial desempenha um papel crucial na elaboração de subjetividades, que fortalecerá os sujeitos no enfrentamento as desigualdades raciais, de classe, de gênero e na luta por mudanças na sociedade contemporânea.

A pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa, por entendermos que esta responde melhor o objetivo e a problemática apresentada neste artigo. Por sua vez, a abordagem qualitativa “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2009, p. 79).

Desse modo, a referida abordagem atende a intencionalidade desta pesquisa, pois de acordo com

na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que produzem conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois que elas têm um conhecimento relativamente prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as ações individuais. Isso não significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico com a que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade (CHIZZOTTI, 2009, p. 83).

Neste sentido, a abordagem está alinhada com a intenção de analisar as narrativas sobre a violência contra a mulher-negra-surda. No entanto, faz-se necessário tecer alguns questionamentos em torno da questão proposta e realizar uma série de análises nas fontes e a metodologia a ser utilizada.

É importante mencionar que a pesquisa também fez uso da História Oral de vida que, de acordo com Lang (1996, p.34) se detém ao relato de vida de sujeitos que narram sua existência através do tempo. Onde os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. Através da narrativa de uma história de vida, se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. E por obedecer segundo Meihy (1996, p.55) “um procedimento conhecido por entrevistas livres, isto é, sem questionário ou perguntas diretamente indutivas”. Em que as gravações das entrevistas devem “obedecer à captação do sentido da experiência vivencial de alguém. [...] A individualização é fundamental, sendo que cada pessoa deve ser tratada como um caso específico. [...] As informações sobre detalhes ou parcela da vida do depoente têm relativa importância” (MEIHY, 1996, p.55).

Além disso, a opção pelo método da História Oral de vida se destaca na pesquisa, pelo fato desta, de acordo com Reis (2012), proporcionar “o encontro entre o indivíduo e o social, entre o presente e o passado, quando a vida individual e coletiva é analisada conjuntamente para construção do presente” (REIS, 2012, p.66). E por perceber que, o olhar que tecemos hoje, sobre determinados acontecimentos na nossa vida, pode ser diferente do ontem e do que vamos projetar amanhã; ainda segundo Reis (2012, p.66) isso “depende da construção, do que somos, do que encontramos no caminho, da identidade que construímos, dos grupos que formamos, além das fantasias, das idealizações e das seletividades que são próprias das memórias que se apresentam nas narrativas”. Posto que, de acordo com Thomson (1997) “o processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que

pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”. (THOMPSON, 1997, p.57)

A coleta de dados desta pesquisa, teve como foco as composições das narrativas de uma mulher-negra-surda, que deu-se por meio da realização de entrevistas semiestruturadas *on-line* e pela técnica do desenho. Uma vez que, a técnica de desenho constitui-se enquanto “[...] uma técnica apropriada a casos em que a comunicação oral não se mostre suficiente para levantar as impressões do pesquisado” (VÍCTORA et al. 2000, p. 70). Dessa maneira, a técnica do desenho aparece como base na pesquisa, pois tem o poder de evidenciar as representações tecidas por ela sobre a violência vivenciada, por vezes não expressadas de maneira sinalizada.

Esta, por sua vez, esteve alicerçada nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2003). Para quem as Representações Sociais (RS) são entendidas como o conjunto de explicações, pensamentos e ideias elaboradas pelos indivíduos em determinado grupo social. Além disso, elas se configuram como sistemas de valores, ideias e práticas, que são estabelecidas nos depoimentos firmados no processo de comunicação. As Representações Sociais (RS) “têm como seu objetivo abstrair o sentido do mundo e introduzir nele ordens e percepções, que reproduzem o mundo de forma significativa” (MOSCOVICI, 2003, p.46). Perante a qual foi possível trabalhar o processo de **ancoragem**, e posteriormente, **objetivação** das narrativas da colaboradora da pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa seguimos as diretrizes da instituição proponente no que diz respeito com a privacidade dos dados da pesquisa e a não identificação da colaboradora da pesquisa, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o uso de suas falas, desenhos e vídeos gravados em Libras. Observemos a tabela abaixo com as informações básicas da colaboradora que compôs o corpo empírico da pesquisa, a qual foi identificada pelo nome fictício.

Tabela 01. Perfil da colaboradora da pesquisa

Nome fictício	Surdez	Idade	Escolaridade	Raça-cor
Marina	2 anos de idade	19 anos	Ensino Médio	Negra

Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

A colaboradora da pesquisa é uma jovem-negra-surda¹ usuária de Língua de Sinais, que ficou surda aos 2 (dois) anos de idade e reside município de Igarapé-Miri-PA. Assim, para que as relações dialogadas fossem possíveis, uma vez que a participante é usuária de Língua de Sinais e como forma de respeito para com a cultura surda, o uso da Libras deu-se desde a apresentação da pesquisa,

¹ Forma pela qual a colaboradora da pesquisa demarca sua identidade.

perpassando pela exposição dos objetivos, procedimentos metodológicos até as entrevistas. Para tal, a pesquisa contou com o auxílio de uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS devidamente certificada, do próprio município que ofereceu apoio no momento do contato com a entrevistada e na realização da transposição dos vídeos em Libras para o formato de áudio, em língua portuguesa, para posteriormente serem transcritos e analisados e dar início a construção da escrita deste artigo.

2 SENTIDOS E SIGNIFICADOS APRENDIDOS PELA MULHER-NEGRA-SURDA NA MILITÂNCIA

Os movimentos sociais surgem dos anseios, das interações e das relações sociais de sujeitos que expressam não somente uma vontade de um coletivo, mas uma produção social. Em vista disso, as ações do movimento surdo e de outras organizações, das quais a colaboradora da pesquisa participa, não expressam somente uma vontade de um coletivo, mas uma produção social gerada no ambiente da ação e na interação dos sujeitos que a desenvolvem. Isso porque “a produção é um ato social que simbolicamente representa o vínculo contínuo entre o **agir humano** e seu sistema de vivência” (SILVA, 2007, p. 201). Sendo possível verificar na trajetória de militância de Beatriz (foco deste artigo), visto que ela é produtora dessa ação e está envolvida no sistema e no processo de produção.

É nesse processo de produção colaborativo que os sujeitos, conforme Freire (1987), atravessam o processo de evolução de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, criadora e, conseqüentemente, libertadora. Ou seja, é nesse trajeto que os sujeitos conhecem e agem sobre a realidade para buscar transformá-la. Para tanto, Freire (1987) corrobora com a premissa de que não basta apenas conhecer, criticar e conscientizar-se das situações de opressão, faz-se necessário que, nesse processo, haja a articulação do conhecimento da realidade com a reflexão crítica, que lhe é empregada, e a promoção de ações concretas de mudanças, rupturas e superações para de fato haver transformações sociais desejadas pelos sujeitos de lutas sociais.

De tal modo que “[...] Isto implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais” (FREIRE, 1987, p. 22). Nesse viés é que a mulher-negra-surda rompe com as posições subalternas e inferiores impostas a ela, reinventando-se e ressignificando-se sem perder sua humanidade, impondo-se ante as estruturas infligidas pelo patriarcado e racismo, os quais se configuram como base da opressão e exploração da classe detentora do capital, deixando seu lugar de silenciamento para assumir seu lugar de fala e reafirmar sua identidade.

Diante disso, quando foi indagada sobre os significados de sua participação no movimento surdo como meio identitário, Marina afirmou que, após a atuação nele, passou a fazer uma leitura mais crítica do mundo. Leitura que possibilitou uma mudança gradativa em sua vida, em que foi se descobrindo e percebendo sua relevância como sujeito sociocultural e histórico e como mulher-negra-surda e militante:

Com a participação no movimento surdo, eu passei a me ver como uma pessoa produtiva, que pode contribuir de alguma forma para o fortalecimento da comunidade surda, porque eu passei a encorajar meus amigos surdos e outras mulheres que antes não tinham lugar de fala. Eu passei a identificar situações de racismo, machismo... dar visibilidade às nossas lutas e reivindicar nossos direitos. Então, eu posso dizer que eu estou fazendo a diferença no meu município (Marina. Entrevista realizada em 12 de nov. de 2021).

Observa-se no relato de Marina que, com a formação política proporcionada pelos movimentos sociais, especialmente, pelo movimento surdo, ela notou que ser militante envolvida em lutas específicas oferece uma diferença significativa num contexto no qual as desigualdades são reproduzidas somente no âmbito socioeconômico. E faz diferença porque passou “a identificar com mais clareza que o racismo e o machismo são dois importantes componentes dos mecanismos de opressão na sociedade brasileira” (SILVA, 2007, p. 203). Tais mecanismos precisam ser enfrentados para que possamos promover mudanças mais consideráveis na sociedade.

Acerca disso, Marina revelou que atuar no movimento surdo possibilitou descobrir-se mulher-negra-surda e conscientizar-se das questões de gênero, raça e surdez sob uma perspectiva da diferença. A sua perspectiva e o seu fazer político ganharam novos propósitos, a exemplo do combate ao racismo:

Olha, descobrir-me mulher-negra-surda me possibilitou ter mais posições de enfrentamento diante de situações de discriminação e preconceito, porque adquiri conhecimentos que me possibilitaram ver como isso afetava não só minha vida, mas de outras mulheres negras. Essa descoberta veio mesmo com o ingresso na universidade, onde passei a ter contato com outras mulheres negras militantes que valorizam sua identidade e participar do movimento surdo do meu município, onde eu realmente passei a construir uma nova consciência do que é ser mulher-negra-surda militante, e como isso passou a ser significativo para mim e para outras mulheres que inspiro. Por isso que sempre procuro fazer com que as pessoas por meio de discussões vejam as imagens negativas tecidas sobre o povo negro, principalmente sobre as mulheres negras ao longo da história, para que elas possam ter consciência racial e, assim, lutar pelos seus direitos. Isso me deixa muito feliz enquanto mulher negra surda militante (Marina. Entrevista realizada em 12 de nov. de 2021).

A narrativa de Marina evidencia que a percepção da realidade de mundo é um aspecto da prática do movimento surdo, visto que este centra investimento na autorreflexão com a intenção de fazer com que a militância desenvolva essa capacidade de percepção no sujeito. De modo que foi nesse contato com outras mulheres, que Marina descobriu que seu processo de autorreflexão passou a se configurar

cada vez mais. Sua forma de se relacionar e agir com o outro na militância alterou-se, e ela passou a construir novas perspectivas de vida em conformidade com sua atuação no movimento surdo.

Além disso, pode-se observar na narrativa de Marina que a atuação no movimento surdo abarcou significados importantes para a sua vida. Significados que a possibilitaram construir uma nova dimensão pessoal e o fortalecimento da sua autoestima. Tais aspectos são fruto da pedagogia desenvolvida nos movimentos sociais, sobretudo, no movimento surdo, porque evidencia a experiência de cada militante como sujeito social. Aspectos que podem ser visualizados no desenho e relato a seguir, em que Marina afirma que o ingresso no movimento surdo “foi muito importante para fortalecer minha identidade e minha autoestima enquanto mulher-negra-surda” (Marina. Entrevista realizada em 30 de ago. de 2021).

Desenho 1: Partilhando experiências com os surdos



Fonte: Renata Siqueira, 2021.

Esse desenho aqui, como vocês podem observar, representa o momento que eu me encontro comigo mesma, que eu passo a valorizar minha identidade e a fortalecer minha autoestima. E isso foi muito importante pra mim, porque fez com que eu também partilhasse essas experiências com meus amigos surdos nos encontros, a conversar mais com eles sobre as questões que nos afetam diariamente, fortalecendo, assim, a comunidade surda. Então, o movimento surdo me possibilitou ser quem eu sou hoje e encorajar outros surdos a não aceitarem mais serem discriminados, a irem em busca de seus direitos e a se orgulharem de quem são (Marina. Entrevista realizada em 30 de ago. de 2021).

A cena retrata o espaço no qual Marina se encontra com seus pares surdos para partilhar saberes adquiridos na militância. O desenho destaca a figura de Marina de maneira centralizada à frente do quadro negro, representada com a pele negra, os cabelos crespos e os braços posicionados diante de si sinalizando. Noutro plano, têm-se alguns surdos sentados, como espectadores a observar atentos a sinalização de Marina.

Nesse cenário, percebe-se que Marina compartilha aprendizados mútuos que partem de suas observações e percepções e de seu contato com seus pares surdos no movimento surdo, representando

o ser mulher-negra-surda no mundo, encorajando tais sujeitos a afirmar suas identidades, a resistir aos determinantes sociais e a lutar pelos seus direitos, de modo a fortalecer a comunidade surda.

Em um quadro de referências sobre ancoragem e objetivação de partilha de experiências, que envolve saberes, percepções, autonomia e potencialidades de Marina em sociointeração com outros surdos, observa-se (Quadro 1):

Quadro 1: Representações acerca de saberes adquiridos no movimento surdo

Ancoragem	A partilha em conjunto de experiências simbólicas coletivas para a comunidade surda.
Objetivação	A partilha coletiva de experiências.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da dissertação de mestrado de Renata Siqueira, 2021.

No que concerne às Representações Sociais e sua dinâmica “indivíduo/coletivo”, Moscovici infere que elas:

[...] se tornam capazes de influenciar o comportamento do participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois para nós, quase como que objetos materiais, pois eles são o produto de nossas ações e comunicações (MOSCOVICI, 2003, p. 40).

A internalização dos saberes, que ajudam a movimentar e a fortalecer a comunidade surda, perpassa Marina e o coletivo de amigos como processo, não como resultado. Depois de dialogarem sobre questões que afetam o cotidianamente tal comunidade, eles representam o partilhar de suas experiências para além de um senso comum estático, que reflete significados cotidianos.

O sentido de coletividade para o encontro ficou evidente na partilha de experiências vivenciadas pelos surdos, no companheirismo e na determinação do conjunto. Além disso, evidenciou-se que a dinâmica social dos surdos envolve a comunidade em um conjunto colaborativo de partilhas de saberes entre os surdos que dela são partícipes.

Ademais, o encontro elucidou que Marina, que detinha conhecimentos sobre questões implícitas à raça e à surdez, ofereceu noções básicas acerca do como se dá o processo de afirmação da identidade, seja negra ou surda. Em virtude disso, houve um aprendizado pautado nas experiências cotidianas dos surdos, em que uns ensinam aos outros.

Nesse contexto, as ações de aprendizados coletivos correspondem significados que os próprios surdos como “sujeitos sociais sabem externar de maneira que tal saber seja aprendido e dialogado entre os pares, independente de especificidade biológica ou racial por entre teoria e prática, aplicabilidades e ressignificações como formação constante” (LOBATO, 2019, p. 107). Assim sendo, os surdos se

educam à medida que se relacionam uns com os outros nos encontros proporcionados por Marina, cuja estratégia é a reafirmação da identidade e a autoestima dos surdos.

O movimento negro e o movimento surdo possibilitaram esse aprendizado coletivo e, conseqüentemente, a reafirmação identitária de Marina e de outros surdos, pois estes têm, como uma de suas principais estratégias formadoras, a revitalização da identidade e a autoestima das mulheres negras e surdas. Aspectos que perpassam a história do povo negro e a do povo surdo, os quais passam a ser resgatados no contexto da militância, ganhando novo significado para suas vidas. É a partir desse resgate proporcionado pela militância que essas mulheres dão visibilidade para a cultura negra e surda que, na maioria das vezes, são deixadas de lado no processo de “hegemonia da cultura europeia”.

No processo de militância, “os coletivos de mulheres negras trazem para suas integrantes e para a sociedade o resgate da dignidade da população negra a partir das relações estabelecidas com o lugar, o corpo, a cultura, a raça e o gênero” (SILVA, 2007, p. 204). Algo semelhante acontece com os coletivos de mulheres surdas, que trazem para debate o resgate da cultura surda e a divulgação da língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de expressão e comunicação da pessoa surda, o direito à acessibilidade nos espaços públicos, à educação, à saúde e ao mercado de trabalho.

Nesse sentido, espera-se que as mulheres negras e surdas, que participam ativamente da militância nessas organizações, “se sintam mais confiantes em si mesmas e na própria história e sejam motivadas e determinadas a progredir na vida e na militância” (SILVA, 2007, p. 204). Nessa perspectiva, Marina esclarece que a militância garantiu um importante significado para a sua vida, na medida em que:

Significou muita coisa na minha vida. Ajudou a me empoderar enquanto mulher-negra-surda, a não aceitar mais ser discriminada e nem permitir que meus amigos negros e surdos sejam discriminados. Eu adquiri conhecimentos sobre meus direitos que antes de participar do movimento surdo eu não tinha. Me tornei uma pessoa mais aberta para novas possibilidades, mais feliz, com um olhar mais ampliado sobre as coisas que afetam a comunidade surda do meu município. Passei a me ver enquanto mulher-negra-surda de maneira positiva e isso me deixa muito feliz, porque eu sei que me valorizando vou estar ajudando outras mulheres a se valorizarem também (Marina. Entrevista realizada em 12 de nov. de 2021).

A fala de Marina pontua a magnitude da ajuda que o movimento surdo ofereceu para que se apropriasse do mundo à sua volta, assim como isso foi imprescindível para ela estabelecer novos significados em suas relações dentro da comunidade surda e para além dela. Esse apropriar-se do mundo no qual vive possibilitou a ela apreender sua existência e a construir, de maneira reflexiva, uma imagem positiva de si mesma perante uma relação interativa com outras mulheres negras e surdas no movimento surdo. Tal perspectiva é notada no trecho a seguir, no qual Marina sinaliza que aprendeu muito sobre si mesma imersa na militância do movimento surdo:

Aprendi muito! Aprendi a gostar de mim, sabe? Aprendi a me valorizar, a assumir meus traços negros e a expressar meus sentimentos... a ter autoestima. Então, eu posso dizer que eu aprendi muito e eu procuro repassar tudo isso que eu aprendi para minhas amigas surdas. Uma das grandes conquistas nesse percurso de militância foi me assumir mulher-negra-surda, a ter orgulho dos meus traços, do meu cabelo, porque hoje eu acho ele lindo. Passei a exaltar mais minha identidade, e isso me deixa muito feliz (Marina. Entrevista realizada em 12 de nov. de 2021).

Em tal relato, evidencia-se que a valorização da autoestima foi relevante para que Marina pudesse ter mais autoconfiança e se sentisse capaz de assumir sua identidade de mulher-negra-surda. Essa autoestima possibilitou a ela se lançar ao enfrentamento dos desafios do dia a dia do movimento surdo, de maneira a atingir os objetivos desejados pelo coletivo. Por isso, a promoção da autoestima, agenciada nos espaços dos movimentos sociais, configura-se como “[...] um dos principais eixos condutores do processo de formação de cada mulher militante” (SILVA, 2007, p. 205).

Diante da importância do reconhecimento e da autoestima proporcionada pela atuação no movimento surdo, é notável a construção da sua identidade como mulher-negra-surda, além do fortalecimento de ações e discussões sobre questões que afetam, direta e indiretamente, a comunidade surda do município de Igarapé-Miri (PA). Nesse ínterim, Marina se mostrou fortalecida e segura ao participar do movimento surdo, conforme a narrativa a seguir, em que ela verbaliza o significado desse coletivo para sua vida:

Significou uma nova consciência sobre o ser mulher negra surda, porque passei a me reafirmar, a assumir meus traços negros e a língua de sinais. A atuação no movimento surdo me trouxe autoestima. Foi no movimento surdo, tendo contato com outras mulheres, que eu realmente passei a me reconhecer enquanto mulher negra surda, a assumir meus traços negros, meu cabelo cacheado, minha identidade. Foi onde eu me encontrei, porque lá nós temos o mesmo pensamento, nós temos empatia, respeito uns pelos outros, nós temos desejos e direitos iguais, nós podemos conversar a mesma língua, que é a nossa L1 a língua de sinais. Então, nós temos interações, nós conversamos sobre questões que afetam a comunidade surda do nosso município. Por isso que o Movimento Surdo trouxe muitos significados para mim, porque não estamos ali sós, você tem com quem conversar para se articular e ir em busca dos seus direitos. Além disso, passei a afirmar minha identidade como mulher negra surda e a me posicionar diante de tudo aquilo que tenta nos rebaixar na sociedade. (Marina. Entrevista realizada em 12 de nov. de 2021).

Mediante o exposto, nota-se que o movimento surdo possibilitou à Marina o resgate da sua autoestima e a desconstrução das imagens e representações negativas e, por sua vez, a construção de uma mulher mais segura, capaz e ativa. A partir dessa autoconsciência, ela busca meios para superar a situação de opressão. Freire (1987, p. 115) enfatiza que será por meio da consciência crítica das formas de opressão vivenciadas que os sujeitos concretos poderão superar a dominação em que vivem e poderão humanizar-se, buscando, assim, sua transformação de maneira colaborativa, de modo a “[...] inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para humanizar-se, humanizar os

homens [...]”. Em vista disso, a consciência crítica nesse véis constitui-se como ferramenta para o processo de libertação dos determinismos ao qual a mulher-negra-surda está subordinada.

Isso posto, a dinâmica do movimento surdo encarna e projeta outras dimensões relacionadas ao modo de vida dos sujeitos que dele se aproximam trabalhando com os valores, as posturas, as visões de mundo, as tradições e os costumes. Nisso, aliás, reside seu caráter educativo e pedagógico, visto que “ele é capaz de atuar na visão de mundo das pessoas e dar a elas um outro sentido de sua existência. Essa mudança na visão de mundo implica na mudança de postura frente a si mesmo, o outro e à sociedade” (SILVA, 2007, p. 208).

3 A RESSIGNIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA NO MOVIMENTO SURDO

A trajetória de vida de Marina revela que desde a infância atravessou processos educativos conflitivos referentes à questão racial, marcado pela cor da pele, pelo cabelo crespo/cacheado e por outros traços e marcas que a ligavam à cultura negra, a qual, mais tarde, somou-se à questão da surdez. Tais processos foram vividos e enfrentados por ela na escola ao receber uma educação para a diversidade étnico-racial, marcada, com frequência, pela negação e pela família que não a educava sobre a dimensão racial.

Tal panorama fazia com que a entrevistada tivesse dificuldades de recorrer em busca de incentivos e conselhos que a encorajasse no enfrentamento nas situações de preconceitos e discriminações vivenciadas na infância. Isso posto que, sendo usuária de língua de sinais, Marina a utiliza como principal forma de expressão e comunicação, ao passo que a família, sendo ouvinte, desconhece o assunto, não sabe se comunicar com ela, tampouco dialoga com as questões referentes ao pertencimento racial, gerando, assim, uma barreira comunicacional entre ambas.

Essa comunicação se agravou ainda mais quando Marina chegou à escola e teve contato com pessoas ouvintes, que se comunicam pela oralidade, de maneira que fora obrigada a ter de se adaptar à cultura ouvinte. Isso porque, segundo Furtado (2016, p. 142), “[...] a escola comum, na maioria das vezes, é ‘regida’ pela concepção de que o ideal é ser ouvinte e se comunicar por oralidade [...]”, ocorrendo, desse modo, uma barreira comunicacional e incidências de preconceitos e discriminações dentro e fora da escola.

Nesse sentido, o relato de Marina é elucidativo e demonstra que o descobrir-se mulher, negra e surda, a princípio, trouxe um lado negativo para sua vida. Em sua fala revela quais os significados de ser mulher-negra-surda, antes de ingressar na militância, e alguns indícios de mudança após ingressar no movimento surdo:

Eu não conseguia me ver de forma positiva, não gostava da forma do meu cabelo crespo, até porque não via muitas mulheres próximas a mim usar o mesmo cabelo que eu. Na escola, também não tinha esse incentivo de me aceitar como eu realmente era e isso me angustiava muito. Sabe você não ter uma pessoa com quem contar nos momentos de dúvidas? É difícil. Então, essa consciência sobre o ser mulher negra surda que valoriza a cor da pele negra, o cabelo crespo, a língua de sinais veio mesmo com a participação no movimento surdo, onde eu passei a ter contato com outras mulheres negras que me incentivaram a me aceitar da forma como eu sou, a perceber o meu papel na sociedade enquanto mulher-negra-surda que pode estar atuando em qualquer lugar e também encorajando outras mulheres e isso fez com que eu valorizasse mais a cultura negra e surda do meu município (Marina. Entrevista realizada em 10 de set. de 2021).

A narrativa de Marina, além de fornecer elementos acerca de suas experiências e vivências raciais, também oferece indícios de como o ingresso no movimento surdo foi significativo para que ela pudesse rever as representações tecidas sobre o ser mulher-negra-surda e o seu papel na sociedade. Este que ganhou espaço através das ações estabelecidas pelo coletivo de surdos que lhe deu subsídio para conquistar o seu lugar de fala e, a partir daí, aceitar-se e incentivar outras mulheres a passar pelo processo de desconstrução e a valorizar a cultura negra e surda do município de Igarapé-Miri (PA).

Em vista disso, ao elaborar um desenho acerca do significado da participação no movimento surdo, a entrevistada afirmou, em seu discurso, que “participar do movimento surdo me possibilitou afirmar-me mulher-negra-surda e a lutar pelos nossos direitos” (Marina. Entrevista realizada em 30 de ago. de 2021), conforme o desenho a seguir:

Desenho 2: Os surdos em movimento



Fonte: Renata Siqueira, 2021.

Essa imagem aqui representa o movimento surdo, a importância de participar, porque é muito importante participar do movimento surdo, as lutas, nossos direitos. Nós enquanto surdos sabemos, sonhamos e temos o direito de uma associação, nós sabemos das barreiras que têm, principalmente, a questão profissional quando se é mulher e mais ainda negra e surda. Então, é muito importante participar desse movimento porque é nele que nós nos firmamos, nos

damos as mãos. É ali nesse movimento que colocamos nossas pautas sobre a questão de gênero, raça, educação, saúde, acessibilidade nos espaços públicos e profissional em prática. É nesse movimento que passamos a reivindicar os direitos que nos foi negado durante muito tempo, a valorizar nossa identidade e cultura de maneira positiva (Marina. Entrevista realizada em 30 de ago. de 2021).

No desenho, Marina sinalizou a si mesma e a seus amigos de mãos dadas no espaço do movimento surdo. Nele é possível notar o semblante de alegre no rosto deles, os quais se sentem felizes em poder se reunir para discutir questões que afetam a comunidade surda e interagir por meio da língua de sinais.

Adicionalmente, Marina representou o movimento surdo como um espaço de união, em que os surdos se reúnem para fortalecer suas identidades, socializar pautas que afetam o dia a dia da comunidade surda e reivindicar os direitos que lhes foram negados por séculos. As relações evidenciadas no desenho evidenciam o movimento surdo como espaço de reivindicação de lutas e valorização da identidade dos surdos (Quadro 2).

Quadro 2: Representações sobre relações sociais no movimento surdo

Ancoragem	O movimento surdo como espaço de luta e afirmação identitária.
Objetivação	Lugar em que os surdos se encontram para reivindicar seus direitos.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da dissertação de mestrado de Renata Siqueira, 2021.

Nesse contexto, ao ingressar no movimento surdo, Marina deparou-se com uma proposta de novos horizontes. Mediante tal panorama, Silva (2007, p. 210) argumenta que “embutidos nessa proposta estavam discursos, práticas e relações que giravam em torno da conscientização crítico-social e de novas possibilidades de recriação”. Dessa forma, o movimento surdo propiciou a Marina acesso a diferentes leituras de temáticas que envolvem questões raciais, de gênero, de surdez e do município onde está inserida. Na fala de Marina, elucida-se que, com a militância e o aprendizado adquirido no espaço do movimento surdo, a dimensão de gênero passou a ganhar um novo significado na sua vida, dado que:

[...] na militância eu passei a ter outra visão em relação aos afazeres enquanto mulher-negra-surda. Foi no movimento surdo que eu pude conversar com outras mulheres e perceber que eu posso, sim, fazer as coisas em casa e, ao mesmo tempo, participar do movimento surdo... fiquei mais tranquila, sabe? Porque assim eu não preciso deixar de fazer as coisas que eu gosto de fazer, não preciso me privar de nada. Porque você sabe como é, né? Antes as mulheres não tinham essa liberdade, elas tinham que ficar em casa cuidando da casa, dos filhos e maridos, porque não tinham essa consciência que eu pude ter com a participação no movimento surdo. E isso é muito bom, porque eu acabo incentivando outras mulheres a ter essa consciência (Marina. Entrevista realizada em 10 de set. de 2021).

Na narrativa, a atuação no movimento surdo viabilizou para que Marina tivesse acesso a novos conhecimentos e apropriar-se deles. E, dessa maneira, buscar formas para modificar os papéis e as Representações Sociais sobre o papel da mulher na sociedade. Com isso, ela aprendeu a conhecer a si mesma, a se relacionar com a vida, as pessoas e o mundo à sua volta. Em virtude disso, o movimento surdo promoveu situações e momentos pelos quais Marina aproximou-se de si mesma, reconhecendo-se como sujeito, negociando consigo mesma as novas maneiras de se sentir e estar no mundo.

Ao se reconhecer como mulher-negra-surda, de acordo com Silva (2007) Marina “conseguiu se distanciar das projeções e das representações sociais negativas e determinadas acerca das mulheres negras, ao passo que, pela autorreflexão e o desejo de mudar de vida, escolhem e reformulam suas identidades”. Ela passou a se recriar, expressando novas posturas, estabelecendo relações nas quais se afirma positivamente, valorizando-se como mulher, negra e surda. Isso na medida em que o recriar-se em novas nuances de mulher negra e surda “implica impor-se e resistir às atitudes e posturas discriminatórias, além de exigir combatividade, introspecção e autoimagem positiva, bem como críticas às relações sociais propostas para transformá-las” (SILVA, 2007, p. 212).

Esse processo de recriação, provocado pelo movimento surdo, possibilitou à Marina aproximar-se e a negociar consigo mesma novas formas de ser e estar no mundo, oportunizando a ampliação da visão sobre seus direitos como mulher-negra-surda, pois:

Antes de participar do movimento surdo, eu já tinha uma visão dos deveres da mulher, mas não tinha muito conhecimento sobre os direitos como mulher-negra-surda. Foi com a entrada no movimento surdo que eu passei a compreender meus deveres e direitos. Isso foi muito importante para que eu pudesse me posicionar, de maneira positiva, sobre o ser mulher-negra-surda, a não ser mais submissa a outras pessoas por conta da minha cor, do meu sexo, da minha surdez e da minha sinalização que é em língua de sinais (Marina. Entrevista realizada em 10 de set. de 2021).

A partir dessa recriação, Marina atribuiu novos significados sobre o ser mulher-negra-surda, rejeitou as discriminações impostas a ela em decorrência da cor, do sexo e da surdez, a não ser mais colocada no lugar de submissão e a não ser mais olhada com indiferença devido à sua comunicação com seus pares se dar em língua de sinais. Dessa forma, Marina passou a exercer sua capacidade de enfrentamento aos determinantes sociais, a gostar de si mesma, a acreditar nas suas potencialidades, a assumir uma nova postura de luta pelos seus direitos e a fortalecer sua identidade.

É no contexto da militância que Marina encontrou outras pessoas que atravessaram problemas semelhantes ou sofrem pelos mesmos motivos, porém se organizam coletivamente, visto que muitas mulheres vivem um processo de superação de dificuldades. Assim, várias mulheres-negras-surdas “passam a se relacionar com o mundo, a sociedade, sua família e suas organizações com novas atitudes

e posturas de combatividade” (SILVA, 2007, p. 216). Nesse contexto, desenvolvem novas pedagogias de raça, gênero e surdez afirmativas.

Mais do que se conscientizou e afirmou-se mulher-negra-surda, na militância, Marina soube da importância de sua responsabilidade em combater o racismo, a desigualdade de gênero, o preconceito contra a pessoa surda e a lutar e conquistar políticas públicas em benefício da população negra e surda de seu município de origem. É o que ela pontuou ao registrar o que significa ser mulher-negra-surda depois atuar no movimento surdo:

Teve um significado muito grande na minha vida, porque me ajudou a ter mais conhecimento das coisas à minha volta, a ter uma visão mais ampliada em relação aos meus direitos enquanto mulher-negra-surda, em não aceitar ser discriminada e nem aceitar que meus amigos surdos também sejam discriminados. Então, participar do movimento surdo foi muito significativo pra passar a me ver de maneira positiva, a assumir meu cabelo crespo e a me orgulhar da minha raça (Marina. Entrevista realizada em 10 de set. de 2021).

Nessa perspectiva, nota-se que o participar do movimento surdo possibilitou à Marina gerar novos saberes que emergiram de suas vivências e experiências. De tal modo que atribuiu novos significados a si própria em um processo de recriação e ressignificação da sua imagem e da representação tecida no que concerne ao ser e estar no mundo e para o mundo.

Saberes que, em conformidade com Silva (2007, p. 217), são fruto de “[...] apropriação do mundo, ou seja, apoderar-se materialmente dele para transformá-lo, modificá-lo por meio de ações e intervenções” estabelecidas consigo e com os outros. Nesse sentido, os saberes produzidos por Marina não se configuram como saberes individuais, mas como saberes coletivos, pois buscam benefícios e reconhecimentos para a população negra, surda e a sociedade em geral. Isso uma vez que se busca, justamente, alterar e modificar a forma como estabelecemos as relações sociais.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que a atuação no movimento surdo ofereceu significados importantes para a vida de Marina, visto que lhe possibilitou construir uma nova dimensão pessoal e o fortalecimento da sua autoestima. Esta que a impulsionou uma tomada de consciência que, mediante o coletivo, adquiriu consciência e subsistiu às formas de opressão vivenciadas.

Diante disso, sinalizamos que um dos caminhos para a almejada e propalada transformação da sociedade, em que a cultura surda e a negra possam coexistir e interagir de forma democrática, é levar em conta a subsídio pedagógico e político das mulheres negras e surdas nesse processo.

Para tal, o coletivo de mulheres negras e surdas deve ser percebido como sujeito político para se mobilizar contra as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as

mulheres, ressignificando a identidade e reconhecendo o sentimento de pertencimento dessas mulheres, ou seja, de tal forma que se sintam parte da comunidade negra. Possibilitando, dessa forma, a construção e a afirmação da identidade racial e o fortalecimento dessas mulheres no enfrentamento das desigualdades raciais, de classe, gênero e da luta por mudanças na sociedade contemporânea.

Portanto, ao valorizar a diferença entre os diferentes no contexto do movimento surdo, Marina reeduca e ressignifica esse movimento, acarretando novos valores e aprendizados. Ademais, nesse processo, ela também reeduca e ressignifica a si mesma.

REFERÊNCIAS

- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO, Rita Simone Silveira. Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade. Curitiba: Prismas, 2016, 167 p.
- GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. São Paulo: Editora Vozes, 2017.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- LOBATO, Vera Lúcia de Cristo. As representações sociais e um adolescente surdo quilombola: afirmações étnicas, conflitos culturais, paradigmas educativos e estratégia dialógicas / Vera Lúcia de Cristo Lobato. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://prosp.uepa.br/ppged/dissertacoes-2/>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SILVA, Michele Lopes da. Mulheres negras em movimento(s): trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte – MG. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-7CAJK3>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: Projeto História. São Paulo, n. 15, abr. 1997.
- REIS, Maria da Conceição. Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, CE, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13011?mode=full>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- VÍCTORA, Ceres Gomes. et al. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. In: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Universidade de Brasília, vol.1, 1994, p.267-276.